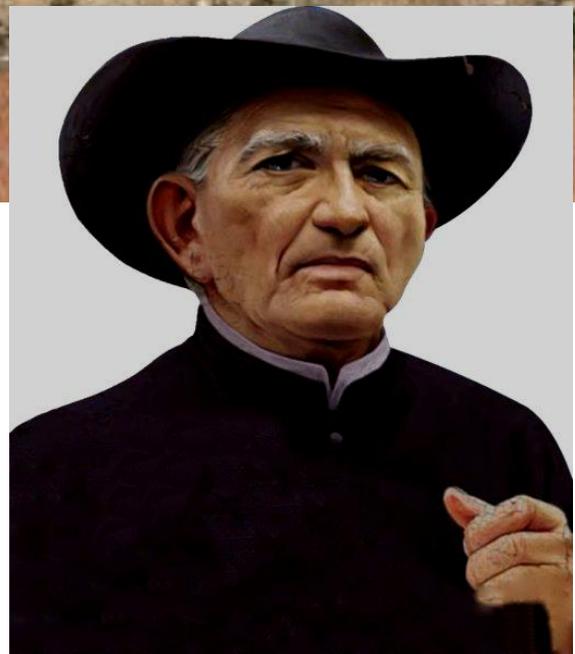
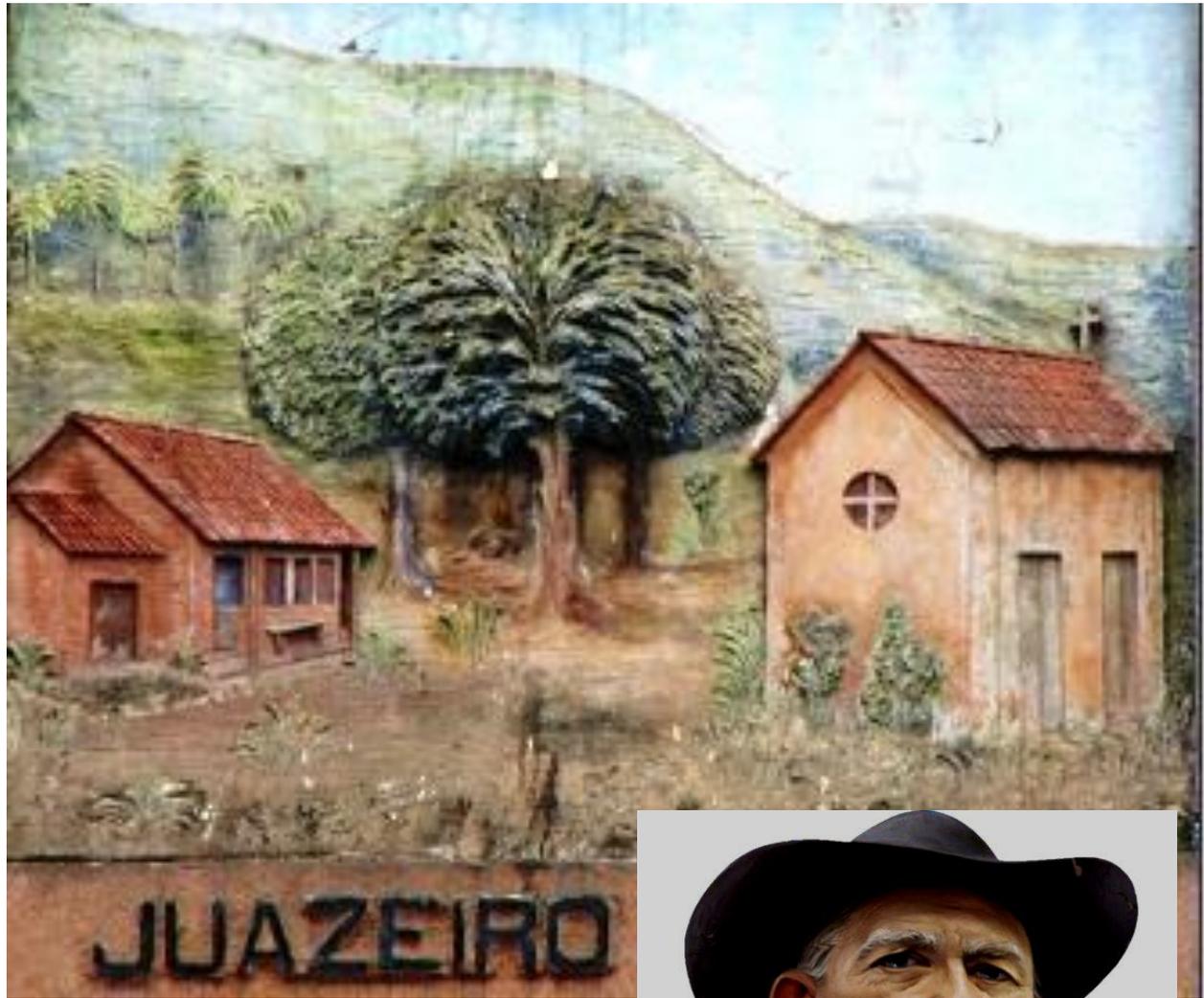


JUAZEIRO-CENTENÁRIO

TERRA DE TRABALHO E ORAÇÃO



UMA BOA CONVERSA COM PADRE CÍCERO



Coordenação Diocesana de Pastoral de Romaria
Diocese do Crato – CE

Meu Padrinho Cícero, estamos festejando em 2011, o Centenário do Município de Juazeiro do Norte. Queremos saber como tudo começou, como é que o Senhor chegou por aqui?

“Vou lhe contar, meu amiguinho: Recém ordenado, em novembro de 1871, fui morar em Crato, minha cidade natal, dando aula na escola de meu primo, José Marrocos. Um dia, fui chamado para celebrar mais uma missa na capelinha dedicada a Nossa Senhora das Dores, no lugarejo de Juazeiro, há 12 km de minha casa. No momento do descanso, me recolhi como de costume, na escola do lugar. Ali tive um sonho que me valeu como um programa para a vida toda: No sonho, eu me achava sentado à cabeça de uma grande mesa de escola antiga do povoado de Juazeiro. Vi no mesmo sonho que entravam na sala os doze Apóstolos de Jesus Cristo, tendo à frente o próprio Coração de Jesus. Todos tinham grande estatura e se puseram em pé nos lados da mesa, enquanto o Coração de Jesus, colocando-se por detrás de mim, disse com voz forte: “Eu estou muito magoado com as ofensas que os homens me têm feito e me fazem diariamente. Vou fazer um esforço pela salvação de todos, mas, se não quiserem se corrigir, acabarei com o mundo”. Depois, Jesus olhou para mim e disse: **“E quanto a ti, Cícero, tome conta deles”**”. Neste mesmo instante, eu vi entrar na sala muitos sertanejos pobres e famintos. Então, eu me acordei e fiquei impressionado. Esse sonho me fez compreender a minha missão. Vim morar definitivamente no Juazeiro, com minha mãe, minhas duas irmãs, e Terezinha, no dia **11 de abril de 1872**, para obedecer a Jesus e tomar conta dos pobres nordestinos.



E depois, meu Padrinho?



“Então, me dediquei gratuitamente a atender esse povo. Vivíamos da ajuda que ele nos dava e deu muito bem para sobreviver. Terezinha, responsável da cozinha, ficava admirada: a despensa estava quase sempre farta. Percebi, no decorrer dos tempos que, cada vez mais, sertanejos dos lugares próximos e mais distantes, vinham me procurar para confessar-se e ouvir meus conselhos. Era preciso construir uma capela maior, pois a pequenininha estava caindo. Entre **1875 e 1884**, em mutirão com o povo, e com muito esforço, construímos juntos uma grande Igreja. Dom Joaquim ficou admirado quando veio benzer a nova capela: é a união do povo, meu amiguinho, que

realiza essas maravilhas com a graça de Deus.

Em **1877**, Dom Luis me pediu para ensinar no novo Seminário São José, em Crato. Eu não podia negar ao meu Bispo, mas escrevi para ele: *Estou pronto ainda que esteja satisfeito com a vida que levo entre este bom povinho que me estima como Pai*. Graças a Deus, não precisaram de mim. Tinha professores suficientes. Assim, continuei minha missão no Juazeiro.

Quando em **1887**, Dom Joaquim, o sucessor de Dom Luis, me pediu para ser Pároco de São Pedro, hoje, Caririçu, ele me conhecia tão bem que escreveu: *...Encarrego V. Revma de administrar a paróquia de S. Pedro, sem tempo determinado. Sei quanto ama esse Juazeiro; mas a incumbência que lhe faço não lhe obriga a ir residir em São Pedro: é somente para ir dar a parte*

espiritual àquele povo, quando lhe for possível. Veja como meu amor por Juazeiro era conhecido de todos e até proverbial!

Passamos por anos terríveis de seca e fome. **Em 1878**, por exemplo, pedi providências ao Bispo em favor do povo. Eu nunca pensei ver tanta aflição e desespero juntos; os cães saciavam-se de carne humana, nos caminhos, no campo. Por toda parte era um cemitério... tudo falava de retirar-se, mas decidi ficar à mercê de Deus, ao menos para dar a absolvição aos que puder. Não podia abandonar meu povo. Foi terrível pois muitos sertanejos chegavam ao Cariri para escapar da fome do sertão, esperando auxílio, emprego, condições para sobreviver.



Mais de uma vez, sofria de ver o meu povo padecer tanto. E eu dizia: *“como posso ver este pobre povinho que amo tanto, como uma parte de minha alma, desaparecer? Pesa-me mais do que a morte, ou antes, morro por cada um...”*

Compreendi que precisava inventar com o povo diversos jeitos para ganhar o pão de cada dia: desenvolvemos então o artesanato, a diversificação da agricultura e do comércio, enfim, tudo que podíamos fazer para oferecer a cada Pai de família um emprego digno. Me preocupei para conseguir a construção de açudes, de poços profundos, de estradas. Enfim, procurei o melhor para que esse pequeno povoado pudesse crescer. Foi muito difícil, sem recursos. Coloquei meus conhecimentos em remédios naturais a serviço dos doentes e das famílias que me procuravam. Nunca deixei uma carta sem resposta. Procurei também ensinar ao povo como conviver no Sertão e no semi-árido, respeitando a Mãe Natureza: são os que vocês chamam hoje de “conselhos ecológicos”



Mas, nem por isso, esquecemos de alimentar a nossa fé. Eu me lembro que, **em 1886**, pedi ao Senhor Bispo a licença de conservar permanentemente o Santíssimo Sacramento. Fazia tempo que eu desejava colocar um sacrário em nossa pobre Capela, onde Jesus Sacramentado, entre nós pobres e pequeninos, onde faltava tudo, ia nos consolar, nos animar, nos fortificar. Pois Ele é um verdadeiro amigo entre nós. Eu sempre desejei fazer no Juazeiro um céu para a morada de Jesus no meio da pobreza desse lugar. Me lembrei até da história de Jô, no Velho Testamento, que tinha perdido tudo, menos a confiança em Deus nos piores momentos de sua vida.

A minha confiança em Nossa Mãe das Dores é sempre tão grande que eu só podia incentivar meus amiguinhos, afilhados e romeiros a uma entrega total, lhe consagrando alma, corpo, família, trabalho, tudo que lhes pertence. Pois, tenho certeza que, com o poder de Deus e sua caridade de Mãe, ela nos livra de todo mal.

Sempre desejei que cada casa de Juazeiro fosse ao mesmo tempo uma oficina e um oratório, unindo trabalho e oração, onde todos pudessem se alimentar do pão material e do pão espiritual: este é o caminho da verdadeira felicidade e do progresso que sonhei para o meu Juazeiro. É assim que se elimina o banditismo, a violência e a preguiça que é a mãe de todos os vícios. Tenho certeza disso! Eu sempre falei que nessa Terra da Mãe de Deus, não era preciso chegar com muito dinheiro, mas sim com muita fé e coragem, porque Juazeiro é uma terra de salvação.

É assim que Juazeiro se tornou uma grande cidade, meu Padrinho?

“Calma, meu amiguinho! Não foi tão simples assim, não! Quando cheguei aos meus 45 anos, depois de quase 20 anos de serviço e dedicação a este povo que amo como filho, no dia **1º de março de 1889** aconteceu um fato extraordinário, com a Beata Maria de Araújo. Na hora da



comunhão a hóstia sagrada se transformou em sangue na sua boca. Não posso me estender sobre esse fato que se reproduziu várias vezes, pois a Santa Igreja exigiu que eu guardasse silêncio sobre esse assunto. Ao contrário de minha convicção pessoal, as autoridades eclesiásticas condenaram esses fenômenos extraordinários. A partir desse momento, não somente eu, mas o povo de Juazeiro e os romeiros, sofremos muito. Um dia, escrevi a um amigo, desabafando, pois a minha dor era grande demais: *O demônio os ilude e faz que achem que perseguir a salvação dos habitantes de Juazeiro, lhe ter ódio, desejar-lhe mal, até a perdição eterna, é coisa boa e zelo santo de santos pastores. Os que perseguiram Jesus Cristo e aos seus discípulos também fizeram assim, se julgando zelosos e santos...*



Meu Bispo e a Sagrada Congregação do Santo Ofício queriam que eu deixasse para sempre o Juazeiro, considerando que a minha presença era funesta e alimentava o fanatismo do povo. Que sofrimento, meu amiguinho! Morri de aflição e de angustia! Gastei toda a minha vida desde que me ordenei, somente procurando a salvação dos outros sem me importar mesmo com a minha e ver uma coisa desta! Não sei lhe dizer o que eu sofri. Desejava de todo meu coração que Nosso Senhor me condenasse, com tanto que se remediasse a salvação de tantas almas. Nunca tinha pensado ver isto entre nós. Em **1898**, eu fui para Roma e fiquei lá uns 8 meses para me apresentar aos Cardeais e provar minha submissão às decisões de Roma. Escrevi até uma carta ao Santo Padre suplicando para não ter que deixar meu Juazeiro. Pedi nesses termos: *Santo Padre, vim prostrar-me aos pés de Vossa Santidade não só para mim mas para uma população oprimida no que há de mais santo: a salvação de suas almas. Por bondade e misericórdia de Deus, nascemos no seio da Santa Igreja, somos e seremos sempre seus filhos obedientes e submissos como a Deus mesmo que tenhamos a felicidade de darmos por ela a vida(...) Vim aos pés de Vossa Santidade protestar a minha obediência e implorar a restituição de minhas ordens, e permissão de voltar para Juazeiro para onde não posso deixar de ir, pela extrema necessidade de cuidar dos meus, e de tantos outros, quem por direito humano e divino sou obrigado...*

Lá, em Roma, fizeram-me a proposta de ficar na Cidade Eterna, sendo Vigário da Paróquia de São Carlos. Agradei, mas não podia aceitar tal proposta, morando tão longe do povo que Jesus me tinha confiado. Voltei de Roma “perdoado” e tinha que me apresentar ao meu Bispo. Infelizmente, não aceitou me devolver todas as minhas ordens. Voltei definitivamente para Juazeiro, ficando sempre do lado de vocês, povo Nordestino, apesar das perseguições que sofremos juntos. E cada vez mais, o Juazeiro do meu sonho tornou-se um refúgio dos náufragos da vida; gente de toda parte, modestamente veio abrigar-se debaixo da proteção da SS. Virgem. Criminosos se converteram. Sempre, como sacerdote, dei mais uma chance a quem queria mudar de vida para melhor. Deus é tão misericordioso! Assisti a conversões impressionantes!

Foi, então, que Juazeiro ganhou a sua independência, meu Padrinho?



Calma, meu amiguinho! Não tenhas tanta pressa, não! Durante 10 anos, continuei minha missão de padrinho e conselheiro deste povo que confiava em mim. É somente a **partir de 1909** que se pensou pedir a autonomia do lugarejo de Juazeiro, até então dependendo da

minha cidade natal. Juazeiro se tornava mais populoso do que Crato e, infelizmente, não recebia as

benfeitorias que tinha direito, pagando os impostos. Houve manifestações populares compreensíveis, em relação a provocações que vinham do Crato. Um Padre me chamou até de Satanás! O povo de Juazeiro decidiu não pisar mais no Crato, nem para vender, nem para comprar, e não pagar mais os impostos! Eu tive que intervir para acalmar os ânimos. Alguns Cratenses falavam com desprezo do povo de Juazeiro e isso me doía muito, pois sou filho do Crato, amo a minha cidade, mas Juazeiro é meu filho! Pense que situação! Sempre desejei resolver os problemas e desavenças na conciliação e na paz. No começo das reivindicações, eu não me envolvi muito, mas quando percebi que os ânimos se esquentaram, tomei iniciativas, entrando em contato com o Prefeito do Crato, o Cel. António Luis, que era filho do meu Padrinho de Batismo. Ele me prometeu resolver a questão, mas os anos passavam e nada acontecia. Entrei em contato com o Governador da época, outro amigo meu. Desabafei numa carta a ele escrita em 1910: *se minha presença aqui não fosse útil e necessária a tantas pessoas que me cercam, já teria me retirado daqui, pois sofro bastante, moralmente, com a impressão que me causa tal atitude do Cel. Antônio Luis.* Mas eu não podia sair de Juazeiro, meu amiguinho, tinha que lutar em favor desse povo. Não foi fácil convencer as partes de achar uma solução pacífica e justa. Os prefeitos das cidades vizinhas me deram todo apoio, até que, enfim, em **22 de julho de 1911**, o meu querido Juazeiro conseguiu sua independência e se tornou município, sem guerra nem combate físico. Bate-boca, teve, sim! E muito! Sobretudo entre dois jornais da região: o Rebate e o Correio do Cariri! O Padre Peixoto era um grande defensor dessa independência de Juazeiro. Floro Bartolomeu e outros amigos também. Eram todos políticos na alma procurando fazer carreira nesse ramo. Eu não. Nunca desejei ser político! Você deve estranhar essa minha afirmação, mas é verdade! Deixe-lhe explicar: Em 1911, (eu tinha 67 anos e estava com a saúde debilitada) quando Juazeiro foi elevado a Município, para evitar que outro cidadão, na direção deste povo, comprometesse a boa marcha desta terra, por não saber ou não poder manter o equilíbrio da ordem, até esse tempo por mim mantido, vi-me forçado a colaborar na política. Assim, me tornei o primeiro prefeito de Juazeiro. Tudo isso para ser fiel ao mandato de Jesus, naquele sonho que tive em 1872, quando tinha 28 anos de idade!



Mas, Padre Cícero, eu ouvi dizer que o Senhor foi também Vice governador do Ceará, e mesmo deputado federal, é verdade? Como entender isso se o Senhor nunca desejou ser político?



Meu amiguinho nunca acabará nossa conversa se você me pergunta sobre toda a minha vida! Mas, não posso-lhe negar uma resposta. Vamos lá. Você já ouviu falar da “Guerra de 14”? Não aquela guerra que aconteceu na Europa entre a Alemanha e os aliados e que terminou em 1918, não! Foi uma guerra, aqui, no Ceará, onde eu fui envolvido sem querer, entre o Governo Federal e o Governador da época, Franco Rabelo. Diziam que ele queria acabar com Juazeiro e comigo. Você sabe: políticos não gostam que alguém tenha mais influência e prestígio

do que eles! De novo, fiz tudo o que podia para resolver as dissidências, procurando, sem sucesso, um consenso entre os partidos opostos. Então, vendo que meu querido Juazeiro ia ser invadido pelos soldados do Governador, entreguei o comando ao Deputado Floro Bartolomeu. E não é que, com a ajuda e a fé dos romeiros, o povo de Juazeiro ganhou a guerra e o Governador teve que fugir para Rio de Janeiro?! Não gosto nem de me lembrar dessa história pois, houve roubos e crimes da parte de nossos soldados, desobedecendo as minhas orientações. Fiquei profundamente triste. No fim da guerra, mandei até um recado aos combatentes: *Não atirem a toa e de festejo, como alguns*

gostam de fazer, pois, para mim, não havia nada para festejar. Nunca fui revolucionário e nunca gostei de violência. Mas foi preciso salvar mais uma vez meu Juazeiro!

Com tudo isso, o novo governo quis me nomear 1º vice-governador do Estado! Veja só! Mas nunca assumi pessoalmente esse mandato. Encarregava Floro Bartolomeu para me substituir: *Mando-lhe(...) uma Procuração para prestar por mim o Compromisso do Cargo de Primeiro Vice Governador do Estado.(...).* Como você sabe é para mim um sacrifício sair dos meus cômodos por causa da minha saúde sempre debilitada, além de não ter com facilidade quem me possa substituir aqui. Você bem sabe que atualmente não posso deixar o Juazeiro...



Quanto a essa história de Deputado Federal, você sabe, meu amiguinho, que em **1926**, com o prematuro falecimento do Dr. Floro Bartolomeu, meu braço direito na política, quiseram me nomear deputado federal no lugar dele? Eu me lembro ter escrito ao Dr. Francisco Sá, naquela ocasião: *Os amigos se lembram do meu nome, embora eu não queira ser deputado porque não desejo e nem posso sair do Juazeiro.* Acabei aceitando, mas nunca tomei posse dessa cadeira, meu amigo! Deixar meu Juazeiro? Jamais! Como você vê, nunca quis ser político, sempre quis ser sacerdote, pastor, padrinho servindo a esse povo sofrido em nome do Sagrado Coração de Jesus. Esta foi e é a minha vocação!



Peço aos meus sucessores na Prefeitura desta Cidade que tenham o mesmo amor que tive por Juazeiro! Que sejam honestos, trabalhadores, e que nunca esqueçam que Juazeiro é uma cidade peculiar, diferente, que tem uma missão humanitária e santa no centro do Nordeste. Que “tomem conta deles”, como Jesus me ordenou para que todos tenham vida e vida em plenitude!

A conversa foi boa e longa, meu amiguinho: agora, eu preciso descansar um pouco, se você me der licença! Você achará muito mais dados sobre essa história, em livros como o de

Daniel Walker. História da Independência de Juazeiro do Norte.

Com a minha benção, vá em paz, meu amiguinho, volte sempre para visitar o “Santo Juazeiro”. Trabalhe com coragem para ganhar o pão de cada dia e nunca esqueça de rezar todos os dias o Rosário da Mãe de Deus.

Ia esquecendo:
Meus grandes amigos,
Frei Damião e Mons.Murilo, estão enviando também seus parabéns ao Juazeiro-Centenário!

TEU ANIVERSÁRIO, MEU JUAZEIRO!



**Parabéns, meu Juazeiro, meu lindo Juá!
Terra de oração, de trabalho, de partilha!
Parabéns, meu Juazeiro, meu lindo Juá!
O teu Centenário, vamos festejar!**

Na sombra do Juazeiro / eu quero descansar
reunir minha família / para juntos partilhar
100 anos de independência! / meu Padrinho, sua benção
fez crescer este lugar.

Cidade de muita fé / espaço de oração
o povo, com devoção / sua promessa, vem pagar
visitar a Mãe das Dores / e o Padre Cíço Romão
Conselheiro do Sertão.

Terra boa da Cultura / do trabalho artesão
do reisado, do boi bumba / da lapinha a devoção
do repente cantador / que escreve com amor
a história desse chão.

Juazeiro solidário / continua sua missão
o sonho do Padre Cíço / é teu sonho, meu irmão!
Tome conta do Romeiro / que visita o Juazeiro
com amor no coração!

Francisco Silva